

Dênis de Moraes

O
REBELDE
DO TRAÇO
A VIDA DE
HENFIL

3ª edição, revista e ilustrada

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2016

O MOLEQUE NA RAIZ

Henrique de Souza Filho veio ao mundo em Ribeirão das Neves, Minas Gerais, no dia 5 de fevereiro de 1944, ano em que as expectativas de uma vitória dos Aliados contra o nazifascismo aumentavam a cada telegrama lido pelos locutores de rádio. Os pracinhas brasileiros tinham acabado de embarcar para a Itália.

Henriquinho tinha 1 ano e 8 meses de idade quando acordou sobressaltado com o foguetório e correu apavorado ao quarto da empregada Maria Leal. Comemorava-se o fim da Segunda Guerra Mundial. A passagem da família Souza por Ribeirão das Neves durou o suficiente para os Aliados triunfarem, Vargas ser deposto e a democracia se restabelecer no Brasil, com anistia aos presos políticos, reorganização partidária, fim das leis de exceção e eleições para a Assembleia Constituinte e a Presidência da República.

O encontro irreversível com o traço só aconteceu aos 7 anos, em Belo Horizonte. Enchia os cadernos com rabiscos. De tanto observar o altar da igreja nas missas de domingo, Henriquinho transpôs para o papel miúdas figuras de santos, que sua mãe, Maria da Conceição, se orgulhava de mostrar às paroquianas. Esperteza dele. Recorria às figuras mal decalcadas dos ícones para tentar compensar o péssimo desempenho escolar.

Mas foi o álbum de família que dissipou as dúvidas. Aos 12 anos, Henriquinho aceitou o desafio proposto por sua irmã mais velha, Maria Cândida, a Tanda. Ela queria presentear o marido, Arnaldo,

com um álbum que reunisse fotografias dele, do casamento, da lua de mel e dos primeiros filhos do casal. Pediu ao irmão que o ilustrasse.

Em questão de dias, ele concluiu o serviço. Tanda quase não acreditou no que viu. As ilustrações em nada se assemelhavam às manchas multicoloridas do imaginário infantil; tinham indiscutíveis marcas de preciosismo. Com lápis de cera e aquarela, ele recriou locais percorridos por Arnaldo.

O álbum correu de mão em mão e Tanda e Arnaldo ouvindo a pergunta:

— De quem são estes desenhos?

Apontavam para Henriquinho. Ele levantava as sobrancelhas e amansava o fogo da vaidade com um sorriso de candura.

Quase trinta anos depois, Henrique de Souza Filho, o Henfil, alisou a barba com fios grisalhos antes de rever o álbum. A ansiedade nostálgica parecia desproporcional naquelas mãos que fabricavam humor caligráfico e corrosivo, como sintetizou o crítico de quadri-nhos Moacy Cirne. Ao folheá-lo, nem o estoque cômico que Henfil carregava nas veias o livrou da compulsão de rir. A ingenuidade de outrora repicava no coração de um homem que, calejado pela ironia de ver o mundo se expandir em meio às dores coletivas, desenhava como se estivesse mastigando pedras.

* * *

Henriquinho descendia de famílias do norte de Minas, zona árida, de vegetação rasteira, que integra o polígono das secas. O tronco materno provinha de Bocaiuva. Maria da Conceição era filha de Rodrigo Antônio de Araújo Abreu, coletor federal de impostos e depois comerciante, e de Maria Augusta Figueiredo, severa matriarca do clã.

Seu pai, Henrique de Souza, nasceu em Pirapora, 400 quilômetros ao norte de Belo Horizonte. A inclinação para tropeiro terminou na adolescência, quando se empregou no comércio. Extrovertido e

pé de valsa, atravessava de barco o São Francisco para ir a bailes em lugarejos vizinhos.

Henrique partiu para Montes Claros, atraído pela construção da estrada de ferro que cortaria Minas até a capital. Trabalhou como almoxarife e tesoureiro, o que o obrigava a constantes viagens. Nessas andanças, foi parar em Bocaiuva, incluída no traçado da ferrovia inaugurada em 1926, onde conheceria Maria da Conceição. Amor à primeira vista. Henrique encheu-se de coragem e pediu autorização para cortejá-la. Os dois jamais puderam ficar a sós: se não eram os pais a vigiá-los, havia uma tia de plantão na sala.

Casaram-se em dezembro de 1923, ele com 28 anos e ela com 17, e tiveram 12 filhos, dos quais oito sobreviveram: Maria Cândida, Zilah, Wanda, Herbert José (Betinho), Maria da Glória, Henrique de Souza Filho, Filomena e Francisco Mário. Maria da Conceição (a primogênita), Carmen e Soledade morreram precocemente; José Maria viveu apenas dois anos e dois meses. Maria da Conceição perdeu outros quatro filhos por problemas na gravidez. E ainda enfrentou a provação de ter quatro filhos hemofílicos: José Maria, Betinho, Henriquinho e Chico Mário.

Henrique fez fama de mão-aberta. Na padaria que abriu em Bocaiuva, os fregueses penduravam as contas. Um dia, Maria da Conceição comprovou o que suspeitava: o dinheiro disponível no caixa não equivalia à receita. Coincidência ou não, dois ex-empregados não tardaram a ter a sua própria padaria.

No começo dos anos 1930, Henrique inaugurou o primeiro e único cinema mudo da cidade. As sessões atraíam muita gente, mas eram pouco rentáveis, porque o dono não cobrava entrada dos mais necessitados. Outra tentativa, sem êxito, foi no ramo de tecidos.

A pedido de correligionários de Bocaiuva, Benedito Valadares, mandachuva em Minas após a Revolução de 1930, nomeou-o, interinamente, interventor municipal. Após o curto mandato, foi juiz de paz. A família levava uma vida modesta, com Maria da Conceição

costurando e bordando para vestir os filhos. O orçamento apertou bastante quando ela convenceu o marido a matricular Maria Cândida e Zilah, as filhas mais velhas, no internato do Colégio Santa Maria, em Belo Horizonte. A partir daí, cresceu o desejo de Maria da Conceição de mudar-se para a capital, onde todos os filhos poderiam estudar e haveria recursos para tratamentos de saúde.

Se a medicina brasileira ainda se aprofundava no estudo da hemofilia, imagine o que acontecia no distante norte de Minas, na primeira metade do século XX. A doença era chamada de “mal do sangue”, e o único médico da localidade não se arriscava no diagnóstico.⁷ A própria Dona Maria confessaria, muitos anos depois, que, quando jovem, desconhecia o fato de se tratar de uma doença hereditária transmissível pela mulher (na qual é recessiva, enquanto é patente no homem). Foi na dolorosa experiência com os filhos que se apercebeu das sequelas das hemorragias provocadas por traumatismos mínimos. Ela guiava-se pela intuição, impedindo-os de subirem em árvores, andarem a cavalo e até de se debruçarem à

⁷ A hemofilia decorre de uma deficiência na coagulação sanguínea, motivada pela ausência ou insuficiência dos fatores 8, 9 ou 11 — proteínas produzidas no fígado que interferem no processo coagulatório. As hemorragias podem ser espontâneas ou decorrentes de ferimentos; para controlá-las, é necessário recorrer a transfusões constantes, a fim de repor o fator coagulante, proporcionando alívio ao paciente. Até 1960, os hemofílicos readquiriam os fatores de coagulação por meio de transfusões de sangue (extraído de pessoas normais) de seis em seis horas. Era o único meio de estancar as hemorragias externas ou internas (as chamadas hemartroses: derrames nas articulações que provocam dores e inchaços terríveis, sobretudo nos joelhos). Depois, foi descoberto o crioprecipitado, obtido do plasma fresco de doadores não hemofílicos e rico em proteínas do fator de coagulação (o fator 8). No início da década de 1990, surgiram os concentrados com origem na engenharia genética, que já não dependem exclusivamente de sangue humano ou animal, o que reduz os riscos de contaminação. Com a evolução das pesquisas científicas, hoje existem três alternativas de tratamento para a hemofilia: a) os produtos extraídos do plasma humano e depois purificados por métodos que garantem o melhor nível de segurança possível; b) produtos recombinantes pela engenharia genética contendo ainda componentes de origem sanguínea (humana ou animal); c) produtos recombinantes de última geração produzidos pela engenharia genética e que já não contêm nenhum vestígio de derivados sanguíneos (humano ou animal).

janela. Acolchoava com feltro as quinas dos móveis para que não sofressem qualquer espécie de ferimento.

Atendendo a vontade da mulher, Henrique estabeleceu-se em Belo Horizonte com um pequeno armazém onde vendia fiado a pagadores relapsos. O estoque foi acabando e ele faliu. Graças ao bocaiuvense José Maria Alkmin, político emergente e primo em segundo grau de Maria da Conceição, os Souza saíram do atoleiro. Nomeado diretor da Penitenciária Agrícola de Ribeirão das Neves, então distrito de Contagem, a 35 quilômetros de Belo Horizonte, Alkmin designou Henrique para a chefia do almoxarifado, com direito a morar numa das casas da administração.

Belo Horizonte experimentara um surto de dinamismo na administração do prefeito Juscelino Kubitschek. As principais ruas do centro foram asfaltadas e iluminadas, praças remodeladas. O novo cartão-postal era o conjunto da Pampulha, marco da arquitetura moderna brasileira, projetado pelo jovem arquiteto Oscar Niemeyer, compreendendo o Iate Clube, o Cassino (atual Museu de Arte), a Casa de Baile e a Igreja de São Francisco. Ao lado de Niemeyer, atuaram outros papas do modernismo, como Roberto Burle Marx, Alfredo Ceschiatti e Candido Portinari.

Ao assumir, em 1945, o cargo de provedor da Santa Casa de Misericórdia, José Maria Alkmin convidou Henrique para gerenciar o recém-criado Serviço Funerário. Com 2 anos incompletos, Henriquinho foi morar com os pais, os irmãos e a empregada Maria Leal numa casa no bairro Floresta. A família cresceria em Belo Horizonte, com os nascimentos de Filomena e Francisco Mário.

Betinho e, mais tarde, Henriquinho assimilaram a rotina do Serviço Funerário, a três quadras da imponente sede da Santa Casa. Em momentos distintos, os dois irmãos descobriram o prazer de andar de automóvel — um luxo, já que menos de 5 mil veículos circulavam pela capital. Pouco importava o fato de estarem a bordo de carros fúnebres transportando urnas mortuárias.

Henriquinho familiarizou-se com o universo funerário a partir de 1949, quando os Souza foram morar a uma quadra dali, na rua Ceará, 198. A casa, de sala e três quartos, tinha cômodos mais amplos do que a anterior, mas era uma proeza abrigar um casal, oito filhos (de idades as mais diversas) e a empregada.

A filharada odiou quando Seu Henrique comprou a última novidade tecnológica da época: uma vitrola. Odiou porque parou de ir a programas de auditório nas rádios de Belo Horizonte. Em compensação, os ouvidos da família puderam se aprimorar com um repertório eclético que incluía modinhas mineiras, Jacob do Bando-lim, Catulo da Paixão Cearense, Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Mozart, Beethoven e Chopin. Não foi à toa que Chico Mário muito cedo se afeiçoou aos acordes eruditos que um dia o transformariam em um compositor de mão-cheia.

Os colegas de primário no Grupo Escolar Pedro II não faziam ideia da doença que obrigou Henriquinho a faltar às aulas por duas semanas, até cessar a hemorragia provocada pela queda de um dente de leite. O amigo e vizinho Paulo César Santos Teixeira, o Paulinho, cansou de ver a sua perna com o triplo da grossura habitual, por causa de derrames no joelho: “Ele mal conseguia andar. Reclamava à beça das dores. Tinha medo de cair, pois qualquer corte era um drama horrível.”

Henriquinho, Betinho e Chico Mário contaram com um anjo da guarda, o médico Exedito Rolla Guerra. Recém-formado, ele era residente na Santa Casa de Misericórdia quando, numa noite de 1945, o chamaram para atender Betinho, que havia caído no banheiro e cortado o lábio. Internou-o na Santa Casa e salvou-lhe a vida. Tornou-se amigo da família e dedicou-se a estudar a hemofilia em livros alemães traduzidos para o espanhol. Sendo médico, conseguia sem atropelos os plasmas sanguíneos. Betinho, Henriquinho e Chico Mário submetiam-se às transfusões endovenosas sem reclamar.

Às escondidas da mãe, Henriquinho andava em carrinhos de rolimã que ele e Paulinho fabricavam utilizando tábuas e cabos

de vassoura. Nas brigas das redondezas, cumpria missão estratégica: ia à frente da turma da Santa Efigênia para mexer com os adversários do São Lucas. Todo mundo sabia que era doente e não se podia bater nele. E por isso abusava nas provocações.

Na experiência comunitária em Santa Efigênia, Henfil absorveu fragmentos essenciais à consciência social que o nortearia sempre. “Identifiquei-me com o sofrimento daquele povo carente à porta da Santa Casa e nas favelas. Aprendi a dar valor a um sistema solidário e humano”, afirmaria décadas depois.

Imperava na casa dos Souza o sistema fixado pela religião católica apostólica romana. Como os irmãos, Henriquinho cresceu sob o signo do pecado e da culpa, avisado de que, se mentisse, estaria cravando um espinho no coração de Jesus Cristo. Em dias de tempestade, queimava-se palha benta e as crianças escondiam-se debaixo da mesa, com medo da ira divina. Henriquinho chegou a ser coroinha da paróquia do bairro. A mãe alimentava o inconfesso desejo de vê-lo um dia ordenar-se padre na Catedral Metropolitana.

Nem na religião Henriquinho encontrou resposta para a adversidade enfrentada pelo irmão mais velho. Dos 15 aos 18 anos, Betinho vivera recluso em um quarto nos fundos do quintal, curando-se de uma tuberculose. O pneumologista reuniu a família para preveni-la do pior: a infecção era seriíssima. Cientificado, o doutor Expedito Rolla Guerra temeu que o menino não escapasse — uma hemoptise provocaria um sangramento fatal nos pulmões.

Betinho passou três anos de pijama; só punha sapatos para a visita mensal ao médico. Lia compulsivamente e ouvia radionovelas. Se quisesse alguma coisa, apertava a campainha conectada à casa principal. Os típicos eram segregados em guetos domésticos ou, no caso dos mais abastados, em estações de cura nas montanhas.

Com pavor de contágio, os pais mandaram construir uma pequena cancela de madeira para impedir o acesso ao quartinho onde ele convalescia. Dali, Henriquinho observava-o. A diferença de nove

anos entre os dois encurtou-se, paradoxalmente, na distância física de 10 metros. “Era uma espécie de vigilância infantil: do lado de fora, Henfil me espreitava, seguia passo a passo o que acontecia comigo”, relembrou Betinho.

Quando ninguém mais acreditava na cura, Betinho leu, num exemplar antigo da revista *O Cruzeiro*, o anúncio de um remédio contra a tuberculose chamado Hidrazida. Alertou a mãe. Três meses depois, estava curado.

* * *

Henriquinho detestava estudar. Na última série do primário, no Grupo Dom Pedro II, escudou-se na hemofilia para ser aprovado. A rigor, teria sido reprovado por faltas — 60% delas por crises hemorrágicas, 40% por malandragem.

As coisas se complicaram quando, aos 11 anos, ingressou na primeira série ginásial do tradicional Colégio Arnaldo, administrado por padres e onde haviam estudado Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Rubem Braga. Nas primeiras semanas, assistiu às aulas com a abnegação de um beato. Porém não demorou a se unir ao grupo que esperava o sinal bater para, no momento certo, sair de fininho pelo portão, sem que ninguém notasse.

Henriquinho repetiu duas vezes a primeira série, três a segunda e duas a terceira. Ou seja: sete bombas! A mãe ficou sabendo que ele faltava sistematicamente às aulas ao ser notificada por escrito pelo colégio. Dona Maria ameaçou interná-lo no temido Educandário Dom Bosco. Exigiu que estudasse ou fosse trabalhar.

Novamente inscrito na terceira série ginásial, em 1960, Henriquinho encontrou um parceiro ideal nas matanças de aulas: Lucas Mendes. Lucas tinha tomado bomba no Colégio Militar e cursava a terceira série no Arnaldo. Os dois sentavam-se no último banco da sala, onde combinavam as “colas” nas provas, quando os professores

se distraíam. Às vezes, nos intervalos, escapuliam para remar no bucólico lago do Parque Municipal.

Pelo mau desempenho do filho, os pais de Lucas o transferiram para o internato. Henriquinho, igualmente com notas baixas e excesso de faltas, abandonou o Colégio Arnaldo ao término do ano letivo de 1960.

Em 1961, foi reprovado na terceira série ginásial no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Restou à Dona Maria matriculá-lo, em 1962, no turno da noite do Colégio Lúcio Santos, um verdadeiro paraíso — os alunos que pagavam as mensalidades em dia eram aprovados sem tensões.

Henriquinho passou no exame de seleção para a quarta série no Colégio Estadual de Minas Gerais, onde concluiu o ginásio em 1963 — aos 19 anos! Seis meses depois, fez as provas do Madureza para recuperar o tempo perdido, sendo aprovado nos exames correspondentes às três séries do curso clássico. Santa Efigênia estremeceu: teria o gazeteiro, afinal, se regenerado?